

O Poeta Vergílio Conspirou Contra César Augusto?

The Poet Vergílio Rebelled Against Caesar Augustus?

Amós Coelho da Silva*

Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

E-mail: amoscoelho@uol.com.br

*Endereço: Amós Coelho da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, CEP-20550-013 - Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 07/10/2014. Última versão recebida em 27/10/2014. Aprovado em 28/10/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

Apresentaremos, neste artigo, um estudo de alusão deliberada por um dado autor sobre as palavras de outro autor anterior da Literatura Romana e respectivos contextos. Tais alusões têm sido por muito tempo o centro para a filologia latina, que tem desenvolvido algumas ferramentas críticas propícias para examinar as sutilezas da arte alusiva (HINDS, *passim*: 1998). Nossa análise toma como *corpus* o fragmento *Libertas quae sera tamen*, do poeta Vergílio, traduzido tradicionalmente por *Liberdade, ainda que tardia*. Essa expressão atravessou séculos e se transformou em múltiplas leituras, bem diferenciadas: em Tomás Antônio Gonzaga, Castro Alves e escolas de samba, cujo suporte provém das intertextualidades e enfoques filológicos, gerados por ponto de vista político, histórico, jurídico e estético, ou seja, uma metodologia interdisciplinar. Em perspectiva comparada, traçaremos a revitalização de *Libertas quae sera tamen* em gerações de ideologias diferentes. Também se investiga o que sustenta que todo discurso se constitui por negociações entre textos, ou entre outras expressões culturais analisáveis como *textos*.

Palavras-chave: Intertextualidade; Interdisciplinaridade; Filologia; Vergílio.

ABSTRACT

We will present, in this article, a study of deliberate allusion by another author to the words of previous author of Roman literature and his contexts. Such allusions has long been central to Latin philology, which has developed some enviable critical tools for scrutinizing the subtleties of allusive art (HINDS, *passim*: 1998). Our analysis takes like *corpus* the fragment *Libertas quae sera tamen*, of the poet Virgil, translated traditionally by *Liberty, although late*. This expression crossed centuries and did multiple readings, very differentiated, in Tomas Antônio Gonzaga, Castro Alves and schools of samba, whose support came from intertextuality and philological approaches, generated by opinion political, historical, juridical and aesthetic, that is to say, a interdisciplinary methodology. In perspective compared, we will trace the revitalization of *Libertas quae sera tamen* in generations of different ideologies. Also we will inquire what sustains all discourse to be constituted by negotiations between texts, or among other cultural expressions analysable as *texts*.

Keywords: Intertextuality; Interdisciplinarity; Philology; Virgil.

1 INTRODUÇÃO

Roland Barthes, em um anexo intitulado *Jovens Pesquisadores*, adverte sobre o que entende por interdisciplinar: *A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém. O texto é, creio eu, um desses objetos. (p.99)* Em sua expressão sucinta, como *Conhecer o imaginário da expressão é viciá-lo, já que o imaginário é desconhecido...* (p.101)

Em *Da Obra ao Texto*, R. Barthes rechaça a pretensão de decifrar um texto e aprova a concepção:

como tarefa importante descobrir o Autor (ou suas hipóteses: a sociedade, a história, a psique, a liberdade) sob a obra: encontrado o Autor, o texto está 'explicado', o crítico venceu; não é de admirar, portanto que, historicamente, o reinado do Autor tenha sido também o do Crítico, nem tampouco que a crítica (mesmo a nova) esteja hoje abalada ao mesmo tempo que o Autor. Na escritura múltipla, com efeito, tudo está para ser 'deslindado', mas nada para ser 'decifrado'... (p. 69)

No capítulo precedente, intitulado *Da Obra ao Texto*, ele nos fala que o Texto (explica, inclusive, que deve ser com maiúscula) é uma escritura, que é fundamentada numa teoria e se fragmenta *ao sabor das pesquisas particulares. O que se opõe aqui em destaque é a passagem da teoria à pesquisa: não há em nenhum desses artigos que não trate de um texto particular, contingente, pertencente à cultura histórica...* (p.99) Ele não está falando do meu ensaio, mas este estudo que ora lhes apresentamos se encaixa bem nisso.

Em sua expressão sucinta, como *Conhecer o imaginário da expressão é esvaziá-lo, já que o imaginário da escritura (a propósito de Chateaubriand, Gide, Michel Leiris) ou o imaginário do próprio pesquisador (a propósito de uma pesquisa sobre o suspense cinematográfico).* (p.101)

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Públio Vergílio Marão

Publius Vergilius Maro viveu de 70 a 19 a.C., cujo verdadeiro nome é a forma onomástica Vergilius, do indo-europeu *uerg (cf. gr. *érgon*, ação; trabalho; em português, temos energia), mas a latinidade cristã, que admirava o seu caráter dócil e melancólico associou o seu nome a *uirgo* (virgem); daí, em português *Virgílio*, em francês *Virgile*, em inglês *Virgil etc.* Embora muitos lhe atribuam outras obras, constantes da *Appendix*

Vergiliana, sua obra mais antiga foram as *Bucólicas* ou *Éclogas*, ou ainda *Églogas*, inspiradas nos *Idílios* ('eidýllion', *pequeno quadro poético*), de Teócrito, em seguida as *Geórgicas*, assimilada de *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, e a *Eneida*, cuja absorção foram os poemas homéricos: a *Ilíada* e a *Odisséia*.

Não se trata, contudo, de um decalque, mas de uma expansão da linguagem poética que ecoa como intertexto entre dois poetas, ou mais, e é isso que faz uma obra literária pertencer ao cânone.

A alegoria poética vergiliana, do Livro I das *Bucólicas*, tem sido mal interpretada pelos escoliastas antigos, como Donato e Sérvio (ambos do século IV) e *aussi parmi les modernes Benoist* (HERRMANN, 1952). Chega-se ao ponto de a árvore sob a qual Títilo se protege ficar relacionada com César (Júlio César ou César Augusto). Outros interpretam a personagem Amarílis encarnando Roma e Galateia, a região Cisalpina.

César Augusto se tornou *princeps*, *aquele que ocupa o primeiro lugar*, mas o conseguiu a partir da seguinte gradação de conquistas: de Otávio, *Octavius*, como simples sobrinho de Júlio César, que destruiu o sistema político republicano quando se tornou *dictator perpetuus*¹ de Roma e que o adotou como filho e, por isso, passou a Otaviano, *Octavianus*, que por essa ocasião fez uma aliança com Marco Antônio e Lépido, conhecida como Segundo Triunvirato, e, dada a derrota que aplicou aos republicanos de Bruto, um outro filho adotivo de Júlio César, porém, neste momento da História, um aliado do republicano Cássio. A peça teatral *Julius Caesar*, de William Shakespeare, a nosso ver, sofreu um reducionismo de interpretação quando se aponta o argumento dela como sendo evidenciar Júlio César como um estadista perfeito.

Ora, as *Geórgicas*, etimologicamente *Os trabalhos do campo*, é um poema considerado por muitos a sua obra prima (...) e é (...) dedicado a Mecenas (SPALDING, 1978), mas:

... o Livro IV é dedicado à apicultura. De acordo com uma informação de Sérvio (atualmente posta em dúvida), o episódio de Aristeu, com a história de Orfeu e Eurídice no final do Livro IV, foi escrito posteriormente ao resto do poema, para

¹ Ditador (dictator) era um magistrado, investido de autoridade suprema em assuntos militares e judiciais, indicado pelos cônsules e pelo Senado para um período de seis meses, num momento de perigo. Ditadores famosos: Cincinato (s.V a.C. – foi proclamado, mas depois de derrotar o inimigo, voltou para as suas terras). Deixou de existir no século III a.C., mas foi restabelecida por Sila, que, após o restabelecimento do direito aristocrático, renunciou ao cargo de ditador. *Júlio César foi igualmente nomeado “dictator” em 49 a.C.*, (HARVEY, 1987: DITADOR), mas pressionando o Senado, uma vez que seu próprio filho Bruto, que é aliado do republicano Cássio, se apresentou contra o projeto político de César. Abolida a ditadura com a morte de César e Augusto não a restabeleceu, já que escolheu para si o nome “princeps” ou “imperator”, porque sabia que o povo romano tinha aversão à monarquia, desde a expulsão de Tarquínio o Soberbo.

substituir um trecho em louvor de Cornélio Galo, amigo do poeta, que havia caído em desgraça junto ao imperador. (HARVEY, 1987)

Na trajetória política de Augusto, houve o exílio de Ovídio por causa de sua poesia se investir de tema erótico o que, conforme juízo de historiadores, corrompia os costumes: *Com Ovídio, na elegia erótica, a literatura mais refinada e maliciosa. (PARATORE, 1983)*. De fato, Ovídio é o poeta do amor erótico e devido a isso mesmo enfrentou um relacionamento difícil dentro do Império Romano, sob o governo de Augusto, cuja etimologia se prende ao verbo *augeo*: *fazer crescer, acrescentar, aumentar...* Verbete do qual deriva *augur*: *aquele que dá os presságios, assegurando o desenvolvimento de um empreendimento...* O adjetivo *Augustus*, consagrado aos áugures, passou ao título outorgado pelo Senado a Júlio César Otaviano e mais tarde se tornou um título para os demais imperadores que lhe sucederam. Existe um correspondente *avec sens du grec Sebastós* (ERNOUT; MELLEIT, 1985). No dizer de Jules Humbert, *A única coisa certa é que o imperador lhe guardava rancor por ter escrito tantas obras imorais, e quanto ao erro, talvez insignificante, foi o suficiente para transbordar a sua cólera. (HUMBERT, 1932)*

Na função de *princeps*, Augusto se esforçou para restaurar a antiga moralidade do povo romano. Um poeta com tal comportamento poderia se tornar um transtorno político; daí, o exílio pátrio e a solidão amargurada num árido país de bárbaros, o Ponto Euxino, nome antigo do Mar Negro. Por antífrase, “euxino” significa “aquele que hospeda bem”.

Advém daí que Vergílio, por ser patrocinado por Mecenas, o conselheiro fidelíssimo de César Augusto, tem sua obra lida como simpatizante da causa política do Imperador Augusto, o construtor do *Ara Pacis*, o *Altar da Paz*. Esta reflexão se dá, por exemplo e só trabalharemos doravante com passagens das *Bucólicas*, quando se parte de uma expressão, tomada isoladamente, como *Deus nobis haec otia fecit, Um deus nos deu este descanso* (Vergílio, *Bucólicas* I, 6), que é uma das respostas de Títilo a Melibeu.

Um princípio temático norteia fortemente as *Bucólicas*: trata-se do *locus amoenus*, *paisagem ideal...* E foi esta a leitura de Castro Alves, como veremos abaixo.

2.2 A Éclogia i e Castro Alves

Castro Alves se apropriou de *sub tegmine fagi, sob a cobertura da faia*, do primeiro verso da Éclogia I como título de seu poema, que tem como epígrafes: *Dieu parle dans le calme plus haut que dans la tempête, Deus fala na calma (bem) mais alto do que na*

tempestade (Mickiewircz) e *Deus nobis haec otia fecit, Deus nos deu este descanso* (Vergílio, *Bucólicas* I, 6), que é uma das respostas de Títilo a Melibeu.

Destaquemos aqui a primeira estrofe, cujo segundo verso é uma extensão da epígrafe já citada:

*Amigo! O campo é o ninho do poeta...
Deus fala, quando a turba está quieta,
Às campinas em flor.
— Noivo — Ele espera que os convivas saiam...
E n'alcova onde as lâmpadas desmaiam
Então murmura — amor —*

O Poeta vive uma confraternização com Victor Hugo, Dante Alighierie finalmente com Vergílio:

*Mundo estranho e bizarro da quimera,
A fantasia desvairada gera
Um paganismo aqui.
Melhor eu compreendo então Vergílio...
E vendo os Faunos lhe dançar no idílio,
Murmuro crente: — eu vi! —*

De fato, Castro Alves se declara em sintonia com Vergílio quanto à beleza da natureza, conforme lemos também no fecho do poema:

Vem! Do mundo leremos o problema
Nas folhas da floresta, ou do poema,
Nas trevas ou na luz...
Não vês?... Do céu a cúpula azulada,
Como uma taça sobre nós voltada,
Lança a poesia a flux!... (Boa Vista, 1867)

Como se vê, Castro Alves, indicado nos manuais acadêmicos como poeta do final da época do Romantismo, se ocupa nesta passagem com a liberdade que o campo propicia. Mas também podemos pensar no tema da liberdade, como liberalismo. Neste caso, com uma outra característica pelo viés político, que inclui os fundamentos do direito humano defendidos na época do Arcadismo: *liberté, égalité et fraternité*, liberdade, igualdade e fraternidade, lema proveniente da Revolução Francesa de 1789, surgido contra os abusos e extravagâncias da

corte francesa. O *Arcadismo*, ou *Neoclacissismo*, como também é conhecido, no Brasil, chegou atrasado, mas ainda no século XVIII, através de juristas ou padres que estudaram na Europa. Só haverá educação universitária no Brasil a partir da chegada da família real.

2.3 Écloga I e a Inconfidência Mineira

Embora nossa ênfase seja sobre a *Écloga I*, não podemos deixar de nos referir à *IX*, porque a *I* se liga à *IX*: as duas tratam da evicção de terras na Gália Cisalpina. Essas terras foram entregues como prêmio aos veteranos de guerra da batalha de Filipos. Para alguns estudiosos, Vergílio teria perdido também as suas terras e ainda fora ameaçado pelo militar como novo proprietário. Há, outrossim, aqueles que afirmam que a *Écloga IX* fora escrita antes da *I*, com isso, interpretam que nada ocorreu com o Poeta, devido à intervenção de César Augusto. Enfim, nada nos garante que o Autor das *Geórgicas* tenha perdido terras, pode existir, portanto, um sentimento *de solidariedade ou de comiseração* em relação aos evictos, conforme pensa o tradutor das *Bucólicas* Péricles Engênio da S. Ramos em suas notas (1982:140).

Houve época em Roma que não havia um exército profissional, os legionários eram recrutados entre as classes baixas, em geral provenientes do campo; como uma campanha militar fosse longa, muitas quintas ficavam entregues às mulheres e filhos dos recrutados; em consequência, muitos entraram em bancarrota e ficaram sem meios de subsistência próprios. A classe alta tirava proveito desta situação, comprando pequenos pedaços de terra e os agregando aos seus latifúndios (*latifundi*) e ainda usavam os trabalhos dos prejudicados como mão de obra escrava.

Tibério Graco, eleito tribuno da plebe em 133 a.C., conseguiu aprovação da *Lex Sempronia agraria*, uma lei que proibia a existência de latifúndios com mais de 500 acres. O excedente deveria ser, conforme a lei, comprado pelos cofres públicos e redistribuído pelos soldados ao fim de cada campanha militar. Mas os *Optimates*, a classe privilegiada, e que se considerava especial dentro do Senado romano, não concordavam com a reforma agrária de Tibério e conseguiram não só bloquear a iniciativa como também assassinar Tibério. Seu irmão Caio cumprirá o mesmo destino por ter de seguir o exemplo daquele.

Existe um verbo em português que demonstra bem o valor de ser um proprietário de terras: locupletar, encher-se de terras. Por elas, a História registra muita guerra e assassinatos, como é exemplo o fato de Tibério e Caio Graco. Também na Grécia, os eupátridas acumularam muitas terras à custa de trabalho escravo. Quando um cidadão se endividava

completamente, ele entregava literalmente o seu corpo, como na expressão hipoteca somática, que foi eliminada na reforma de Sólon, quando criou a lei ‘seisáktheia’, *retirar o peso, tirar o fardo de...* (BRANDÃO, 1986)

A *Écloga I* é composta, como as demais, em hexâmetro datílico e pelo diálogo entre Melibeu e Títiro. Este é um escravo recém-liberto, conseguiu conservar os seus campos, mas Melibeu perdeu suas terras em proveito de algum veterano de guerra de Júlio César, por meio dos Triúnviros, Otaviano, Marco Antônio e Lépido, que governam Roma no momento, após a vitória de Filipos, contra Bruto e Cássio, defensores republicanos.

Títiro dirigiu-se a Roma para tratar de sua alforria e de seu pecúlio amealhado ao tempo de Amarílis, já que não o conseguira na época de Galateia:

*(Tityrus) Libertas, quae sera tamen respexit inertem,
candidior postquam tondenti barba cadebat;
respexit tamen, et longo post tempore uenit,
postquam nos Amryllis habet, Galatea reliquit.(30)*
*(Títiro) Liberdade que me viu ocioso, embora tarde,
Quando a barba, que fazia, já caía mais branca;
Olhou-me, contudo, e me chegou depois de longo tempo,
Quando Amarílis me tinha e Galateia me abandonou.*

Roma tornou-se soberba. Há uma guerra civil: os republicanos Bruto e Cássio estão contra os triúnviros Otaviano, Marco Antônio e Lépido.

*(Tityrus) Urbem quam dicunt Romam, Meliboeae, putauit
Stultus ego huic nostrae similem, quo saepe solemus (20)*
*Pastores ouium teneros depellere fetus.
Sic canibus catulos similis, sic matribus haedos
Noram, sic paruis componere magna solebam. -
Verum haec tantum alias inter caput extulit urbes
Quantum lenta solent uiburna cupressi. (25)*
*A cidade que chamam Roma, eu, Melibeu, julgava
Eu, ingênuo, comparava a esta nossa (Mântua), onde os pastores costumamos
Conduzir as crias tenras das ovelhas;
Assim, tinha eu conhecido os filhotes de cão igual aos pais cães; à mãe cabra os cabritinhos;
Assim, costumava compor os pequenos a partir dos grandes.
Mas Roma elevou tanto sua cabeça acima das outras cidades*

Quanto os ciprestes sobreexcedem os viburnos dóceis.

Quid facerem? Neque seruitio me exire licebat, / nec tam praesentis alibi cognoscere, Que fazer? Nem era lícito que eu saísse da escravidão, nem conhecer tão propícios deuses (em Roma). (40-1) Melibeu, então exclama: Fortunata senex! Velho feliz! E nos versos 11 a 13, relata sua situação penosa:

Non equidem inuideo, miror magis: unidque totis

Vsque adeo turbatur agris! En ipse capellas

Pus aeger ago; hanc etiam uix, Tityre, duco.

Com efeito, eu não te invejo, antes admiro: em toda parte,

De tal forma se agitam nos campos! Será que eu, doente, (consigo)

Tocar as minhas cabritinhas adiante? A custo levo esta, Títiro.

Tomás Antônio Gonzaga (1744 -1810), que nasceu no Porto, chegou ao Brasil com oito anos e voltou a Portugal para estudar Direito em Coimbra. Preparou o *Tratado de Direito Natural* para o exercício da cátedra universitária, mas terminou por optar pela carreira da magistratura. No poema abaixo, aconselha o *Carpe diem* a Marília:

Que havemos de esperar, Marília bela?

que vão passando os florescentes dias?

*As glórias que vêm tarde já vêm frias,
e pode, enfim, mudar-se a nossa estrela.*

Ah! não, minha Marília,

aprovei-te o tempo, antes que faça

o estrago de roubar ao corpo as forças,

e ao semblante a graça!

Esta passagem pertence à sua obra *Marília de Dirceu*. Marília é pseudônimo de D. Maria Joaquina Doroteia de Seixas. O seu nome, como árcade, era Dirceu. Nota-se em seu poema o lirismo e, em outras passagens, a busca pela natureza, a fim de criar clima pastoril ou bucólico.

Porém, é marcante a obra *Cartas Chilenas*, uma sátira contra a administração do governo colonizador. *Critilo* é um morador de Santiago do Chile (na verdade Vila Rica), narra os desmandos despóticos e narcisistas do governador chileno Fanfarrão Minésio (na realidade, o governador de Minas até a Inconfidência Mineira). Em forma de epístolas, circulam até

1789, *Inconfidência Mineira ou Conjuração Mineira*, quando são acusados também os árcades Cláudio Manoel da Costa (1729 – 1789), Silva Alvarenga (1749 – 1814) e Alvarenga Peixoto (1743 – 1792), o padre Rolim (José da Silva e Oliveira Rolim – 1747 a 1835). Eles foram delatados por Joaquim Silvério dos Reis, sentenciados por lesa-majestade, degredados após um período de prisão na Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, e o alferes Joaquim José da Silva Xavier, apelidado de "Tiradentes", considerado líder, será exemplarmente enforcado e esquartejado. Pedacos dele foram espalhados para que outrem não ousasse tal reação.

As reuniões dos inconfidentes, mencionados acima, ocorreram na casa de Cláudio Manoel da Costa, o árcade Glauceste Saturnio. Tomando parte do hexâmetro virgiliano, o *Libertas quae sera tamen*, que se consagrou na tradução *Liberdade ainda que tardia* como lema, que circundava um triângulo verde numa bandeira de fundo branco que adotariam para o futuro Estado do Brasil. Hoje a expressão latina é divisa da bandeira de Minas Gerais, porém o triângulo é vermelho, e também é uma divisa da bandeira do Acre (RÓNAI, 1980).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A introdução de Nogueira Moutinho (VIRGÍLIO, 1982) destaca a importância da *Écloga I*. É como se ela fosse uma *chave da tradição literária europeia* para quem quer que frequente bancos escolares. O diálogo entre dois camponeses, expropriados de suas terras, cuja ocupação máxima é, como no próprio hexâmetro datílico em resposta a Melibeu, quando Títilo diz que o futuro Imperador Augusto recomendara: *Pascite, ut ante, boues, pueri; submitte tauros, apascentai, ó moços, como antes, os bois; subjugai os touros*. Concordamos com o interlocutor citado aqui e transcrevemos suas palavras da página 17:

A nós brasileiros, a I Bucólica encerra significado particular extremamente caro. Foi perscrutando o primeiro hemistíquio de seu hexâmetro 27 que os eruditos magistrados e clérigos de 1789 encontraram nas sessões; da Inconfidência o lema da Conjuração Mineira: “Libertas quae sera tamen”.

Eis a nossa identidade histórica. Ela foi descoberta pelos Inconfidentes Mineiros que usaram pseudônimos, assim como Vergílio usou máscara de pastor².

² A máscara sempre fez parte do ritual sagrado em sociedades primitivas, como fórmula mágica de defesa contra a interferência do sobrenatural. A máscara no teatro greco-latino já apresenta esmaecido o sagrado para auxiliar na expressão dramática da dor, na tragédia, do riso, na comédia. Aí, então identificam-se ator e personagem. Herdamos, portanto, no mundo ocidental, a personagem que vem do latim *persona*, com o sentido original de “aquele que fala/ emite som (*sona*) através (*per*)”, isto é, o ator.

Léon Herrmann (1952) indicou múltiplas interpretações alegóricas dos escoliastas sobre a *Bucólica I*. Uma delas é a de Amarília encarnar Roma, Galateia seria a Gália Cisalpina, a faia, árvore cuja copa protege até de uma possível tempestade, seria César Augusto etc. Enfatizando as afirmações de Herrmann, há um episódio em Pseudo-Donato, *Vida de Vergílio*, que costuma ser citado para indicar ou existência de plágio ou que o esforço de alguém é atribuído a outro injustamente. Vergílio teria escrito *Sic uos non uobis, nidificatis aues, assim vós, mas não para vós, fazeis os ninhos, ó aves*. na porta do palácio de César Augusto. Como o imperador tivesse premiado o falso autor Batilo, porque este se apresentara como criador do verso, Vergílio escreveu de novo *Sic uos non uobis*, quatro vezes, um atrás do outro. Augusto pediu a Batilo que completasse o hemistíquio, mas ele não conseguiu. Então, Vergílio encabeçou os quatro hemistíquios com esta frase: *Hos ego uersiculos feci, tulit alter honores, eu fiz estes versículos, mas outro levou as honras*. E preencheu:

Sic uos non uobis, nidificatis, aues.

Sic uos non uobis, uellera fertis, oues.

Sic uos non uobis, mellificatis, apes.

Sic uos non uobis, fertis aratra boues.

Entretanto, é numa outra leitura que devemos retirar das *Bucólicas* o fato de o campo ser lugar aprazível, e não era um sentimento usufruído como prazer ou deleite para os sentidos, ou seja, tato, olfato, paladar, visão e audição, entre os cidadãos da Antiguidade, porque estavam habituados a ver um céu pleno de estrelas e usavam a lua cheia para iluminar sua movimentação à noite. Inclusive, o termo camponês tinha para eles sentido pejorativo. O camponês era um rude e a vida no campo era rústica (metáfora que ainda perdura em português), no sentido de grosseiro, sem civilidade. Foram os poetas que criaram a nova significação de campestre como bucólico. O *locus amoenus*, o lugar aprazível, característico das *Bucólicas* virgilianas nos remete à natureza, com personagens pastores dentro de um universo rústico, como se lê em Castro Alves. Nós, modernos, ansiamos pelo agreste, pelo ar puro, pelo céu estrelado, pela lua cheia, pelo nascer e pôr do sol... Eles eram habituados a isso.

Confiavam os pastores entre si suas preocupações e seus dramas amorosos, mas a *Écloga I* se volta também para o *struggle for life*, a luta pela existência, mas não no sentido de Charles Darwin. Aqui é a luta pelo poder, incluindo exílios, desterros, dominação pela força... Sob a máscara de pastor, que o protege contra qualquer intervenção civil perigosa, como ocorria em sociedades primitivas em rituais religiosos com receio do sobrenatural,

Vergílio traz à luz a luta pelo poder, as injustiças sociais... Enfim, aquelas mesmas que vemos nos jornais modernos: *Os Sem Terra, Os Sem Casa* etc.

A recepção desta *Écloga I* inspirou a *Inconfidência Mineira*, que é um símbolo máximo de resistência brasileira. Dentre outras coisas, há o museu dos Inconfidentes em Ouro Preto, cidade de Minas Gerais. Tiradentes ganhou o epíteto de *Mártir da Independência* e se tornou nome de cidade em Minas Gerais. É nome de via pública, como no Rio de Janeiro, a famosa Praça Tiradentes. Há filme cinematográfico, livros e novelas de televisão sobre o episódio histórico dos inconfidentes. O G.R.E.S. Império Serrano, em 1949, apresentou o enredo de sua escola de samba *Exaltação a Tiradentes*, de autoria de Mano Décio, Estanislau Silva e Penteado. Em 2008, a escola de samba Viradouro apresentou um carro alegórico com o tema “execução da liberdade”, cujo destaque estava fantasiado de Tiradentes.

Onde está a adesão ao projeto político de César Augusto em restaurar a *Mos maiorum, Os costumes dos antepassados?* O que há é uma ironia virgiliana, exatamente no sentido socrático de *pergunta*. Na nossa leitura, o que coube foi uma indagação sobre o mundo, seja no bucolismo de Castro Alves, seja no âmbito dos *Direitos Humanos* de Tiradentes. O Poeta encontrou sujeitos-leitores que o leram diferentemente.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *O Rumor da Língua*. Tradução Mário Laranjeiro. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.
- _____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Vol. I Petrópolis, Vozes, 1993.
- _____. *Os Idílios de Teócrito e As Bucólicas de Vergílio*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1950.
- CHARADEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANDT, A. *Dicionários de Símbolos*. Trad. Vera Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- ERNOUT, A. ; MEILLET, A. *Dictionnaire Ethymologique de la Langue Latine: Histoire des Mots*. Paris, Klincksieck, 1985.
- HERRMANN, L. *Les Masques et les Visages dan les Bucoliques de Virgile*. Paris : Presses Universitaires de France, 1952.
- HINDS, S. *Allusion and intertext : dynamics of appropriation in Roman poetry*. Cambridge : University Press, 1998

HUMBERT, J. *Histoire Illustrée de la Littérature Latine: Précis Methodique* Paris: Didier, 1932

MOISÉS, M. **A Literatura Brasileira através de Textos**. São Paulo: Cultrix, 1973.

PARATORE, E. *História da Literatura Latina*. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

RÓNAI, P. *Não Perca o seu Latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. São Paulo: Cultrix, 1968.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Péricles Eugênio da S. Ramos. Introdução de Nogueira Moutinho. Brasília: Melhoramentos, 1982.